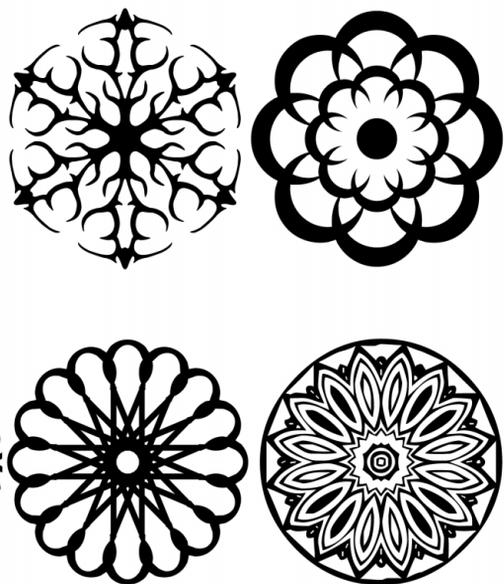


Um nariz de vantagem

Cristiane Muñoz



Estamos vivendo a época do “politicamente correto”, ou seja, os discursos ideológicos são praticamente os mesmos, independente de tendências. Isso equivale a dizer que ninguém em sã consciência vai se colocar contra os negros, os pobres, as mulheres e quaisquer outros grupos que reivindiquem posições sócio-econômicas mais igualitárias. No I Festival Internacional de Comicidade Feminina do Brasil produzido pelo grupo *As Marias da Graça* e que ocorreu no Rio de Janeiro em setembro de 2005, estavam mulheres e homens (esses não em cena) de diferentes estados do Brasil e também de outros países com realidades étnicas, culturais, políticas, sociais e econômicas distintas. No fórum de debates, aberto com palestras de três mulheres: Pepa Plana (Espanha), Cristina Pereira (Brasil - Rio de Janeiro) e eu, vimos um discurso freqüente com foco nos direitos das mulheres. Comecei minha exposição perguntando o que entendemos por **igualdade**, por que achamos que ela seria a solução para grande parte de nossos problemas e se estávamos reivindicando esse direito apenas para sermos “politicamente corretas” ou ainda “para colocar conteúdo num fórum de palhaças”, supondo que ele por si não tivesse. Foi uma provocação e senti que não agradei muito. Felizmente o constrangimento que a crítica sempre traz deu lugar ao debate sincero e passamos a nos questionar sobre o por que de tudo aquilo.

A verdade é que, em primeiro lugar, a **igualdade** deve dar conta do **heterogêneo**. Sim, porque as mulheres são mesmo diferentes dos homens e entre si. Portanto, na medida em que o conceito de gênero traz a tona justamente o direito à diferença ele se une na sua “coluna vertebral” ao grade paradigma social do mundo contemporâneo: a questão da tolerância. Todos os movimentos sociais que emergem dos grupos que se sentem e/ou estão de fato excluídos da participação econômica e conseqüentemente social e política colocam em foco a intolerância humana às diferenças. Então, quando reivindicamos a **igualdade**, o fazemos por que queremos ser iguais ao parâmetro ou ter a liberdade e o direito de sermos únicos? O **único** só se sente seguro e potente dentro do coletivo, logo, é extremamente solitário pois sua condição de diferença lhe é inerente. É o tal estrangeiro que todos somos. Uma vez que investiguemos esses fatores em nós e tendo esclarecido o que de fato almejamos, pensemos o papel da atriz/palhaça entro deste universo.

O cômico trabalha com os aspectos ridículos, portanto risíveis, do ser humano, expões justamente o grotesco que queremos esconder. Desta forma o (a) comediante suscita o questionamento, pois não é acolhedor, ao contrário, aponta para nossos fracassos e ainda faz com que o público, ao identificar-se, ria disso. Por esse motivo e por dissolver completamente aquilo que de sublime pensamos ter ou ser, o cômico nos coloca no lugar do imperfeito, do humano.

A mulher sempre esteve, dentro do imaginário coletivo masculinizado, mais próxima do sublime, quando não, ao contrário, aquela que não se comporta de maneira a ser identificada com a diva, a musa, a mãe sacralizada, pertence ao extremo oposto em que figuram a puta, a adúltera, a vagabunda. Qualquer papel tem seu ônus e seu bônus. A primeira pertence socialmente á esfera privada, é sutil, elegante e envolve em mistério. A outra é sexualizada por isso terrena, e transita na esfera pública, sabe-se dela, de sua vida, de suas escolhas, de suas opiniões. A mulher palhaça ocupa simultaneamente os dois espaços, mas nela não há nada de “em cima do muro”. O que ocorre é que seu jogo teatral é concreto e presente e suas personagens- mesmo as ingênuas- não têm nada de divas, pelo menos no que diz respeito a imagem clássica. Quando querem ser belas e perfeitas, levam um tremendo tombo em cena e nos lembram como somos patéticos. Não importa se estão no papel de mães, de donas-de-casa ou de cantoras líricas, elas distam mil anos luz do sublime. Então, como ocupam os dois espaços se são tão grotescas e terrenas? E o que tem isso de diferente dos palhaços (masculinos)? Acontece que sua grande força está naquilo que é intrínseco ao fenômeno teatral: o sublime vem, nada a mais, nada a menos que do imperfeito levado às últimas conseqüências. Resulta, então, que

o trabalho da atriz/palhaça ou comediante concretiza a base do conceito de gênero. Amamos aquelas figuras risíveis pelo que são e não conseberíamos o mundo sem elas. Isso ocorre também com os comediantes e seus personagens, a diferença é que o homem nunca ocupou o lugar do sublime, pois esteve no concreto e na construção do pensamento dominante. Como diz Pierre Bourdieu em *A Dominação Masculina*, o universo masculino identifica-se com a esfera pública, as guerras, a imagem da força física, do guerreiro. Essa imagem é posta em questão quando vemos em cena um bêbado, um charlatão, um maltrapilho ou um vagabundo. Assim, no caso do homem, a imposição de um parâmetro social, estético e de comportamento pesa tanto quanto para as mulheres, porém, a distância que ele percorre da imagem idealizada (não sublime) para aquela mais humanizada é bastante menor que o percurso feminino. O homem, mesmo na figura do masculino perfeito radical, expõe conceitos de força, grandeza, retidão que têm concretização possível socialmente, ao que sua personagem ridícula se opõe também por concepções humanas de fraqueza, pequenez, curvilíneo. No caso das mulheres isso não ocorre, já que seu parâmetro de perfeição está naquilo que inexistente concretamente (sublime) ou naquilo que ela nunca será: um homem.

As primeiras palhaças tinham a tendência de se infantilizar ou masculinizar, tanto nos figurinos quanto no seu jogo. No momento em que as palhaças se sexualizam, não no sentido de assumirem personalidades sensuais ou insinuantes, mas simplesmente de trazerem o universo feminino assumidamente para suas personagens, estas tomam conformações mais específicas e particulares o que nos permite uma análise mais objetiva e aprofundada.

Para terminar, quero ressaltar pelo que expus neste artigo, a importância de tudo o que se possa fazer seja no âmbito teórico ou prático para darmos espaço para a arte do feminino risível, por tanto tempo sufocada. Um evento como o I Festival Internacional de Comicidade Feminina é um ganho para homens e mulheres. Meu grupo, *As Comediantes* agradece o convite, assim como palhaças, palhaços e mais que todos, o público.

